



Seria, a UNILAB, uma boa universidade para tua formação?

Buscar espaços de formação e aprendizagem que melhor nos capacitem para os desafios sociais contemporâneos é algo que todas, todos e todes almejam. Para além de uma formação profissional qualificada, desejamos também ter uma boa formação humana e cultural que nos permita entender as situações do contexto social em que vivemos – desde aspectos locais, até uma perspectiva mais ampla, global – e atuarmos em prol das transformações necessárias a partir de nossa atuação profissional cidadã. Ninguém sai da universidade da mesma forma que entrou e não é isso que se pretende. Muito pelo contrário! Diante dessa questão, vem a reflexão: A UNILAB estaria cumprindo esse papel formador de forma satisfatória?

Obviamente muitas questões pessoais contribuem para respostas diversificadas, o que é muito importante pois reflete justamente a diversidade social que tanto defendemos. Chega de homogeneização! No entanto, é preciso ponderar as questões que afetam a muitos e aquelas que afetam a todes, para um entendimento mais fiel da situação. O que se pretende é não deixar que os entendimentos sejam rasos e que, seguindo o que Chimamanda Addichie nos ensina, não nos deixemos levar pelo “perigo da história única”! Diante disso, e mesmo sabendo que os procedimentos de análise são muito complexos e que precisam de uma investigação mais detalhada, vale refletir em alguns pontos, muitos dos quais compartilho com vocês aqui.

No campo individual, é sempre relevante entender quais as suas expectativas quanto à universidade e o que você tem feito, individualmente, para atingir essas expectativas. Isso significa pensar no nível de seu envolvimento com a universidade, para além de acompanhar as aulas. Qual estudante você está sendo? Aquele que recebe passivamente os conteúdos de seus/suas professores/as ou aquele que lê, investiga e traz contributos para as discussões propostas em aula? Junto a seus/suas colegas, há algum movimento em termos de grupos de estudo, rodas de conversa para discussão de questões relativas aos conteúdos estudados e/ou a outros assuntos relevantes? Como está sua relação com a representação estudantil, nos colegiados, conselhos e DCE? Participa das assembleias, cobra retornos de reuniões, encaminha questões pelos representantes? Participa de ações coletivas organizadas pelos estudantes? Está atento aos problemas sociais e traz essas questões para aulas e momentos de discussão? E, bastante importante, coloca-se em posição proativa na busca por soluções?



4ª Semana de Letras

UNILAB - CAMPUS DOS MALÊS

03 A 05 DE AGOSTO



No campo institucional, as análises que melhor contribuirão para um entendimento mais amplo são decorrentes de muitas questões individuais apresentadas anteriormente, ou seja, para saber da instituição é preciso estar em contato com o que vem acontecendo dentro dela. Nesse sentido, você sabe quais os rumos que seu curso vem tomando no sentido da condução das aulas e questões vivenciadas no cotidiano acadêmico? Como a instituição tem reagido às questões estudantis? Quais são as ações de seu curso e da universidade em geral que têm sido organizadas? Elas contribuem para a formação dos/das estudantes? Em que medida seu curso é diferente dos demais existentes em sua área ofertados por outras instituições? Seu curso (e a própria universidade) contribuem para sua formação em termos sociais, humanos, políticos e profissionais? Você já avaliou vantagens e desvantagens em estudar na UNILAB?

É preciso também estarmos atentos às questões contextuais mais amplas, que cabem aos governos dos países que participam da UNILAB, pois as ações políticas – e também a falta delas – interferem e muito na organização e na manutenção do ensino público qualificado. Não é segredo que o governo brasileiro tem efetuado significativos cortes orçamentários na Educação, o que nos afeta diretamente, por sermos uma universidade periférica, com grande quantitativo de vagas para estudantes estrangeiros (em sua maioria vindos de países africanos), com um público majoritário de estudantes negros e negras, em suma, uma universidade voltada para um público historicamente deixado de lado em termos de políticas educacionais. O projeto UNILAB não é ser uma universidade como as outras existentes no Brasil e no mundo, mas ser uma universidade diferenciada, que procura não reproduzir lógicas e epistemologias hegemônicas, favorecendo o acesso ao ensino superior público de qualidade a muitos, muitas e muitas.

Desde 20 de julho de 2010, quando o então presidente Luís Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 12.289 que instituía a UNILAB como Universidade Pública Federal, temos uma sucessão de fatos políticos que participam dessa análise que propomos aqui. Nesses 11 anos de idade, a UNILAB participou do governo da primeira mulher eleita democraticamente para o mais alto cargo executivo nacional, a presidenta Dilma Rousseff; assistiu e sofreu o golpe parlamentar de 2016 contra um governo que vinha, historicamente, construindo políticas públicas e políticas afirmativas nunca antes vistas no país; viveu o governo de Michel Temer e o desmonte dos planos para o fundo orçamentário advindo da exploração do pré-sal; sofreu (e sofre) com a PEC-55, conhecida como a PEC do fim do mundo, que congelou os gastos públicos por 20 anos a partir de 2016; esteve no tiroteio travado das eleições de 2018 que trouxe ao poder um governo totalmente descomprometido com as minorias; vive hoje uma pandemia (há quase 1 ano e meio) sob um governo federal que não se responsabiliza nem pelas vidas dos cidadãos e cidadãs. A lista de desventuras é muito maior, mas esse breve panorama nos mostra o quão desastroso é o cenário nacional contemporâneo, agravado desde antes de 2016 quando as costuras políticas contrárias à democracia e aos programas sociais do governo vêm sendo arquitetados maldosamente nos bastidores do espetáculo da politicagem.

Também não podemos nos descolar do cenário mundial que conta com um governo Trump, nos Estados Unidos, além de governos conservadores e de direita em vários contextos internacionais. Nesse grupo de complexidades, os acordos de cooperação internacional rendem-se às urgências da política e da politicagem, nem sempre atendendo às reais necessidades das pessoas envolvidas. A vinda de estudantes africanos para a UNILAB está sendo facilitada pelos países parceiros e pelo Brasil? Em que medida os governos desses países têm construído políticas públicas que apoiem os/as estudantes a virem para a UNILAB? A CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – tem cumprido seu papel de mediador nas questões entre os Estados-membros? A burocracia tem sido um auxiliar nessas questões ou um entrave para os processos?

Por fim, mas não menos importante, torna-se necessário um olhar atento e crítico para o papel desempenhado pela gestão superior da universidade, no sentido de compreender como tem sido seus posicionamentos frente a essas questões apontadas e quais ações têm sido promovidas no sentido de tornar a UNILAB uma universidade atrativa, comprometida com a formação ampla e qualificada de seus/suas estudantes, em consonância com o projeto construído para nossa Universidade.

Não podemos nos esquecer do estrago provocado pelo cancelamento dos editais de indígenas, quilombolas e pessoas trans que abririam possibilidades universitárias para que esses grupos sociais pudessem ocupar vagas ociosas na UNILAB. Isso mesmo: vagas OCIOSAS!

Não podemos nos esquecer que o Campus dos Malês, apesar de muitas justificativas e ações, não conseguiu ainda ter seus prédios entregues, como prometido inúmeras vezes! E a moradia estudantil? E os comprometimentos municipais e estadual em defesa da UNILAB e sua importância para a Bahia, para o Brasil e para os diversos países parceiros?

Diante de tantas reflexões e nenhuma resposta óbvia e simples, o processo de análise para uma manifestação quanto ao questionamento feito no título deste texto, a nossa escolha não pode nem assumir a “crítica pela crítica”, nem tampouco aceitar ingenuamente discursos e falácias produzidos. Daí a necessidade de um comprometimento político com a nossa formação acadêmica. Daí a relevância de defender nossos direitos e os projetos que a nossa coletividade deseja para seu bem-viver. Daí o convite para ouvirmos quem chega e quem sai da universidade... ouvirmos estudantes, professores, técnicos administrativos e a comunidade em geral, construindo nossas opiniões e participando coletivamente da construção da universidade que queremos para nossa formação, da UNILAB que queremos para todos!

Alexandre Cohn da Silveira



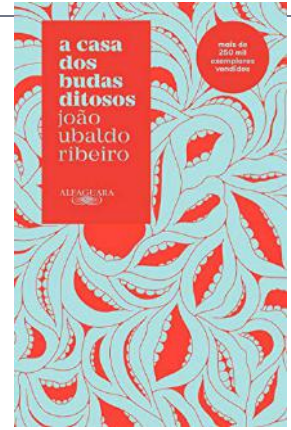
**Resenha...
Resenha...
Resenha...**



A Casa dos Budas Ditosos

João Vitor Bispo Cerqueira

A Casa dos Budas Ditosos
Autor: João Ubaldo Ribeiro
Editora: Alfabeta; 2ª edição (2019)



Publicado em 1999, A Casa dos Budas Ditosos, de João Ubaldo Ribeiro. A narrativa faz parte de uma coletânea de livros intitulado Plenos Pecados, todas as histórias estão relacionadas aos setes pecados capitais e coube ao escritor baiano João Ubaldo Ribeiro abordar a temática da luxúria. Contudo o autor afirma na apresentação do livro que a história já veio pronta, pois segundo o autor, fitas cassetes foram deixadas de forma anônima no seu trabalho, e nessas fitas continham a história do livro, tendo ele apenas o trabalho de transcrever e editar a narrativa. O livro tecer as memórias sexuais de uma senhora de 68 anos, apenas nomeada pelas iniciais CLB. CLB, afirmar que sua intenção com a narrativa é mexer como o tesão do leitor, com detalhes e sem culpabilidade, relata seus atos sexuais com algumas de suas muitas experiências amorosas. No início caro leitor, não posso negar fiquei um tanto que chocado com os depoimentos da narradora, acho que foi por conta dos pudores que ainda estão presentes na minha consciência, a intenção de CLB era incomodar e mexer nas hipocrisias sociais que ficamos alocados. Isso me lembro o poema “Se eu fosse eu” de Clarice Lispector ou melhor um trecho “logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser movida do lugar onde se acomodara.”

Toda narrativa se empenha para mover todas as supostas condutas “serias” dos seres humanos e mostram os desejos que suprimimos, e as ações que foram ditas como incorretas, contudo o estranhamento foi algo prazeroso, mas o toque de humor aplicado no “depoimento sócio-histórico-literário-pornô” gerou uma leitura engraçada e representativa. Excluído o toque de hipocrisia, a personagem realizar todos os seus desejos profanos, sem colocar as limitações que ela julgar ser cerceadoras do organismo humano. CLB tece um depoimento corajoso e libertino “nas palavras dela” sobre liberdade sexual e temáticas polêmicas que são abordadas entre orgias e surubas: racismo, feminismo, incesto, poligamia, zoofilia, homossexualidade.

No meio desse relato a narradora aborda sua experiência no ano de 64, período da ditadura civil-militar brasileira e todas as mudanças que vivenciou nessa época. CLB nos apresentar as formas divertidas, determinadas e eróticas de como viveu e venceu a ditadura, estereótipos sobre o corpo e como conquistou os homens e mulheres (quase sempre ao mesmo tempo, em alguma suruba aleatória) que passaram na sua vida. A narrativa é recheada em detalhes, hábitos e costumes da sociedade da época, se até hoje alguns ainda se escandalizam com a obra, imagina no período que foi lançando, no tempo de um suposto pudor e valores morais.

A visão de liberdade que o texto passa, não só no campo sexual, mas em uma tentativa de mostra a vida sem as amarras que cerceiam os desejos e vontades dos indivíduos que vivem na redoma de hipocrisia social. A obra é de forma geral é boa, causando uma desordem na “moralidade”, por mais que digam que estamos passando por um processo de desconstrução sociais, quando nos deparamos com uma narrativa e sentimos um incomodo percebemos que mesmo indiretamente ainda nossos “machistas/hipócritas”. Porém sem culpa ou vergonha a libertina CLB toca na ferida e joga toda moralidade na merda – nem me refiro ao incesto ou ao desejo que ela sente por vários homens da própria família. Resumido a narrativa e a personagem esfregam todo seu repudio sobre a sociedade que reprimir o gozo, como seus valores, tradições e religiões. Então caro leitor, não posso negar que senti um pouco de inveja de CLB – outra temática da coletânea é a inveja, escrita por Zuenir Ventura, intitulado Mal Secreto, talvez escreva sobre essa história – vontade de viver essas histórias e ter as experiências do gozo livre sem culpabilidade e sem as amarras, perdendo todo os incômodos que a leitura trouxe e que até hoje ecoam na minha consciência. Chegou ao fim dessa resenha convidando você caro leitor a entrar e conversar com CLB, pois A Casa dos Budas Ditosos estão sempre de portas abertas.

Entrem e se divirtam, e não esqueçam da camisinha e de gozar várias vezes.



Ih... Formei!!

E AGORA???

LETRAS



A vida após a formatura

O dia 06 de março de 2020 é uma data a não ser esquecida por mim e nem pelos meus familiares e amigos, pois, foi neste dia que vi um sonho se concretizar e mais uma estatística ser quebrada: um jovem preto formado. Desde criança, senti o “chamado” para a docência, até tentei pensar em outras possibilidades, mas o que me move é ser educador e isso é um fato consumado. Após a formatura, o que veio? A pandemia, sim, esse caos que está assolando a humanidade e já ceifou milhares de vidas, infelizmente...

Em meus planos otimistas, com a formatura em Letras e o diploma em mãos, conseguiria um emprego. Até consegui, na verdade, mas no dia em que iniciaria o trabalho, veio os decretos para interrupção das aulas presenciais. Que azar! Pensando bem, por pouco, nem formatura teria! Idealizei que enquanto não abria um edital para o mestrado na área pretendida, trabalharia e daria encaminhamentos a nova etapa da minha vida, mas os planos tiveram que sofrer algumas alterações.

O jornal O Ponto foi conversar com estudantes egressxs do Curso de Letras da UNILAB/BA para saber como está sendo a vida após a graduação. Veja o que eles nos disseram:

Para não ficar ocioso, me inscrevi no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, logo após a formatura. Desta forma, o meu vínculo institucional com a UNILAB foi renovado. Em outubro de 2020, fiz a seleção para o Mestrado em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana, no qual fui aprovado e iniciei as aulas em março do ano em curso. Foi mais uma conquista que trouxe felicidade, sobretudo porque vivemos um momento caótico e muito dolorido.

Celebro essas conquistas, porque, para mim que sou preto e periférico, ocupar espaços como estes é uma conquista demandada pelo coletivo: uma honra aos que me antecederam, o sonho e empenho de toda uma família preta, em que muitos poucos acessaram o ensino superior, para ser específico, eu sou o segundo membro da família a adentrar uma universidade. Eu sou porque eles são, nós somos, parafraseando a filosofia UBUNTU.

Sou grato pelas portas que se abriram após a formação, embora eu não esteja exercendo o que mais gosto de fazer - ser docente, estou ampliando os horizontes da formação acadêmica e profissional, afinal, eu pretendo ser docente no ensino superior e continuar a vida de pesquisador. O pós-licenciatura é sempre desafiador, mas a pandemia impôs um obstáculo a mais, porém, tenho tentado ser resiliente, manter a chama da esperança acesa, ou melhor, esperançando! Vacina para todas/os/es e fora genocida!

Marcos Vinicius da Hora Silva



Signos na
4ª Semana de Letras



Peixes

Ei pessoal, alguém aí sabe como se inscrever na Semana de Letras dos Malês? Que dia vai ser mesmo? Tem que escrever resumo? De quantas palavras? Vocês sabem se vai ter alguma apresentação legal?



Signos na
4ª Semana de Letras



Áries

Bora fazer essa inscrição logo! Pra que essa demora em escrever um resumo de 400 palavras? Aff...



Signos na
4ª Semana de Letras



Libra

Não sei se mando resumo na área de Linguística, de Literatura, de formação de professores... eu gosto de tudo... É agora? Em qual área me inscrevo?



Signos na
4ª Semana de Letras



Capricórnio

Vou escrever pra Organização da Semana de Letras! Preciso saber se vai ter certificado em todas as atividades! Quantas horas de atividade complementar eu vou ganhar no minicurso?





Vida depois da formação na UNILAB

Depois de ter me formado como licenciado em Letras -Língua portuguesa pela UNILAB aos 6 de março de 2020, ingressei-me imediatamente como aluno especial da Pós-graduação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no programa de Língua e Cultura, donde viria a tornar-me membro do grupo de estudos da morfologia guineense sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva.

Enquanto isso, preparava-me para efetuar exames nos processos seletivos para ingressar no curso de mestrado em uma das outras três instituições federais (Universidade de São Paulo - USP, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Universidade Federal do Paraná - UFPR), já que, na UFBA não havia processo seletivo desse gênero aberto naquela altura. Então, até o dezembro de 2020 já haviam sido publicados os resultados das três universidades em que, felizmente, fui selecionado em todas.

A alegria era tamanha e de que maneira! Entretanto, tinha de escolher uma entre as três respeitadas instituições. Isso, sim, foi muitíssimo difícil para mim, contudo, acabei por ficar na USP, por conseguinte, atualmente aluno regular do curso de mestrado em Filologia e língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma universidade. Assim, desenvolvo um projeto intitulado: “descrição e análise dos ideofones no guineense/kriol moderno” que se enquadra numa das linhas de pesquisa do programa, Gramáticas do português e de línguas em contato, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira, além de ser membro do Grupo de Estudos de Línguas do Contato (GELIC) da USP e da (UFSC).

A propósito desses êxitos acadêmicos, devo registrar aqui a minha imensa gratidão à UNILAB, ao seu corpo docente e aos seus demais funcionários pela qualidade de formação acadêmica que me proporcionaram. Enfim, à Profa. Dra. Manuele Bandeira, minha eterna orientadora, os meus especiais agradecimentos pela orientação nas duas iniciações científicas e no trabalho de conclusão do curso na ocasião da graduação.

Obrigado, Jornal o Ponto!

João Eusebio Imbatene
Universidade de São Paulo - USP
joaoeusebio@usp.br

Letras



Signos na
4ª Semana de Letras



TOURO

Não gosto de eventos virtuais, viu... Como fica o coffee break? Era a parte mais legal dos congressos! Pelo menos vou poder participar dessa Semana de Letras de pijama! hahahahah



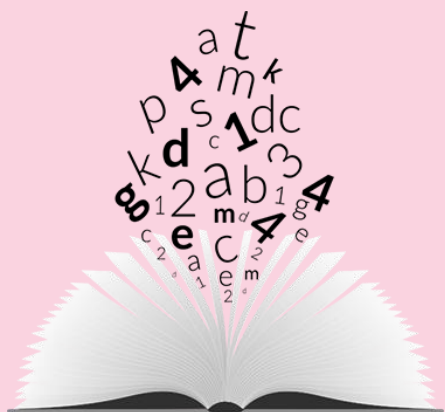
Meu nome é Elias Flores Kanusse, sou angolano, recém formado em Letras. Para começar, quero relembrar os 4 anos que vivi intensamente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- Unilab, campus dos Malês, instituição onde me formei em Letras-Língua Portuguesa. Durante esse tempo, foram anos de muito aprendizado a todos os níveis, guardo com carinho lembranças de muitos colegas, professores, técnicos e todo o apoio da Direção e Coordenação do Curso, por fazerem parte da minha trajetória.

Desde sempre quis me formar em Letras, felizmente consegui. Hoje, fruto dos conhecimentos que adquiri durante a formação, consegui ingressar no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, onde faço o mestrado na área de Sociolinguística e Dialectologia. Assim sendo, tenho me dedicado exclusivamente a pesquisa, sobretudo em assuntos relacionados a sociolinguística, política linguística, linguística aplicada e áreas afins. Além disso, tenho participado em alguns eventos apresentando resultados parciais das pesquisas. Por outro lado, tenho atuado como palestrante, abordando assuntos relacionados a ensino de línguas em Angola.



Queridos e queridas, saudações de acordo com a hora do dia! Espero encontrar-vos com muita saúde, muita paz e, com certeza, muito amor no coração! Meu nome é Valdimiro Dias Esteves. Sou africano. Nasci em Angola. Luanda. Sou Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e

mestrando em estudos linguísticos. Minha experiência de vida, até aqui, parece uma maravilha. Se acreditaste que é um mar-de-rosa, lamento decepcionar-te, meu nobre. Assim como a vida de muitos jovens: pobres, pretos e periféricos, que vêm das favelas, musseques e outros bairros adjetivados marginalmente, sempre levei muita pancada na vida. Não obstante as várias dificuldades que enfrento, diariamente, estou amimado pela oportunidade de estar vivo, por ter um teto e uma cama para dormir. Também, sou grato pela oportunidade de ter, pelos menos, uma refeição por dia. Não defendo nada, porque ainda não sei nada. Ainda estou aprendendo as coisas. Tenho aprendido muitíssimo com a vida. Para mim, é a melhor escola. Sou um cara que sonha alto demais para sua realidade e, graças a Deus, meus sonhos têm me permitido experimentar “o melhor dos dois mundos”, a saber: o melhor da Angola e do Brasil, ao mais alto nível. Quer queira ou não queira, não posso falar do Brasil sem falar da Bahia. E não posso falar da Bahia, sem falar de Santo Amaro da Purificação, São Francisco do Conde e a minha eternamente amada UNILAB; pois, foi lá, que todo esse sonho, que hoje alimenta minha alma, começou. Minha vida pós-UNILAB tem sido “mui ricamente” abençoada. Todavia, parafraseando Drummond, o poeta Brasileiro, todo caminho tem uma pedra e, no meu, não tem só uma. As dificuldades são diversas, e, em virtude da pandemia que estamos vivendo, viver sem auxílio/bolsa, tem sido um filme de terror para um estrangeiro e estudante como eu. Entretanto, mantenho-me firme e é assim que eu espero encontrar vocês! Paz e luz para todos! É proibido desistir! É preciso acreditar!



Hugo Ferraz

Após a minha formação em Letras, na UNILAB, passei por um período muito difícil. Difícil é até um eufemismo de minha parte. Fiquei quase um ano e meio com diploma na mão e sem emprego. Tive mesmo que trabalhar como revisor de textos e algumas aulas espaçadas de gramática tradicional para concursos. Mas o dinheiro era pouco e as despesas... muitas! Afinal de contas, as contas vêm por boletos e, nesse mundo da sociedade de mercado, os boletos são fortes (risos), portanto, vamos lutar contra os boletos, porque os boletos sempre vencem! (Risos). Mas baiano que é baiano não desiste. Persisti e continuei lutando. Fiz um processo seletivo noutro estado, fui selecionado e "me piquei pá lá!". Agora estou de boa. Trabalhando com minha formação diferenciada da UNILAB, me sentindo contente e ótimo!



Signos na
4ª Semana de Letras



Câncer

Acabei de ver a programação da Semana de Letras! Está muito maravilhosa... Fiquei até emocionado, viu! Que coisa mais linda! Vou me inscrever agora mesmo...



Gideon da Silva dos Santos

Eu acredito que há dois momentos extremamente importantes na vida de um estudante: a entrada e a saída de uma universidade. E no percurso, nos preocupamos muito com o futuro e quando este futuro "chega", nos deparamos com situações inusitadas e até inesperadas. Após o fim da graduação em Letras, eu me sinto mais ciente das minhas obrigações como profissional da área por compreender na prática a importância do docente para os discentes. Atualmente, leciono semanalmente em uma escola de ensino fundamental em Salvador-BA, desempenho da melhor maneira possível os conhecimentos obtidos na UNILAB com os professores e colegas brasileiros e estrangeiros. Passei a ler os artigos e as obras literárias com mais calma e empolgação! (talvez o meio acadêmico nos desperte para o prazer, mas sobretudo reina lá as teorias e técnicas que se tornam maçantes, mas necessárias)



Tenho refletido muito em relação à natureza e tudo aquilo que me traz boas energias e novos conhecimentos. Não tenho nenhuma pretensão em cursar uma pós-graduação atualmente. Acredito que todos possuem o seu tempo e, para mim, este momento é de restauração do corpo, da alma e da mente. Apesar de tudo isso, como muitos brasileiros, venho passando por dificuldades na recolocação do mercado de trabalho de maneira integral, estou nos trâmites para a obtenção do meu diploma, uma vez que, perdi o prazo para lançamento de Carga Horária, o que me entristeceu naquele momento, pois houve uma sensação de impotência da minha parte. Porém tudo está seguindo como deveria neste sentido. Acredito que a UNILAB teve um papel importante na minha vida, em muitos aspectos positivos. Em mostrar um corpo docente muito robusto com doutores; pós-doutores e pesquisadores excelentes. Mas, também, aspectos negativos em relação a sua localização e a limitação dos campos de estágio. A universidade é nova, ainda há muito caminho a ser traçado, e acredito com toda fé que esta instituição continuará a aprimorar sua estrutura, suas pesquisas e suas demandas autônomas. Anseio para que o período de pandemia cesse logo e que voltemos a nos unir nas salas, auditórios e em todos os ambientes de disseminação de conhecimento, de apoio ao professor, estudantes e comunidade. Serei sempre grato aos docentes e colegas com os quais vivenciei os anos mais intensos (em todos os sentidos!) de minha vida. Que todxs estejam e fiquem bem!



Signos na
4ª Semana de Letras



Escorpião

Já divulgaram todos os participantes da Semana de Letras? Ótimo! Bora stalkear um por um!!!! Lattes, insta, face....



Meu nome é Natali Santos, formada letras-lingua portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Meu egresso da instituição aconteceu em maio de 2021, e durante o final da graduação prestei seleção de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da qual faço parte hoje, no Programa de Pós-Graduação em Linguística. No meio da graduação, eu já pensava em fazer mestrado e continuar com os estudos, então me agarrei nessa meta e esse é caminho que estou trilhando hoje. Estou cursando o primeiro semestre e tem sido uma experiência muito enriquecedora.

A linha de pesquisa da qual faço parte é na área de fonética e fonologia das línguas naturais. Na minha pesquisa, busco analisar e descrever a nasalidade vocálica do guineense. Na graduação eu já vinha olhando para alguns aspectos da fonologia do guineense e decidi continuar investigando a nasalidade vocálica dessa língua no mestrado.

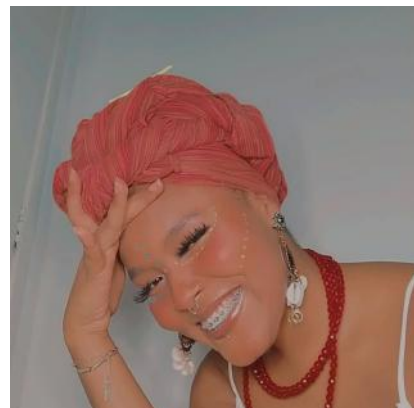


Olha quem tá chegando!

Nós também fomos atrás dos calouros e calouras de 2020.2 a quem nós queremos desejar muito sucesso durante sua jornada unilabiana



Eu me chamo Djei, sou uma jovem mulher negra Kilombola, tenho 20 luas e sou professora de séries iniciais. Eu amo viajar, conhecer diferentes culturas, culinárias e religiões. Tenho uma expectativa muito grande de poder fazer parte dos intercambistas brasileiros, e poder me descobrir neste mundo acadêmico com a oportunidade imensa das culturas, diálogos e saberes que uma universidade desde modelo pode proporcionar aos seus estudantes.



Prezadxs estudantes,

Estamos próximos da nossa 4ª Semana de Letras e convidamos a todos, todas e todes a participar. A programação do evento já está disponível no site, com palestras, minicursos e apresentações culturais (<https://www.even3.com.br/semanadeletrasmaleis/>). Vai ser incrível!

Além disso, gostaríamos de informar que a Coordenação lançará, no próximo mês, um Edital para a realização de concurso que escolherá o logo do curso de Letras! Todxs poderão participar do concurso submetendo propostas.

Neste momento importante da história do nosso curso, vamos eleger a melhor imagem que representa o caráter singular deste curso de Letras que é tão nosso! Incentivamos a todxs a participar, seja no envio de propostas para o logo, seja na escolha da imagem que melhor representa a identidade visual do nosso curso.

A participação da comunidade discente será fundamental, pois serão vocês que escolherão o logo vencedor! Já estão animadxs?! Nós estamos!!!

Tão logo o Edital for lançado, compartilharemos os detalhes sobre o concurso.

Contamos com a colaboração e a participação de vocês!

Abraços,

Wânia e Lavínia

4ª Semana de Letras
Programa de Espectáculos em conjunto de comemoração
cultural e acadêmica

Signos na
4ª Semana de Letras

Virgem

Como é que colocam tanta gente pra se apresentar na Semana de Letras! Um monte de trabalhos incríveis... Já sei... vou construir uma planilha no Excel com tudo o que me interessa! Haaa! Organização é tudo nessa vida, baby...

Lei de Segurança Nacional e a liberdade democrática

Mariana Lyra
Prof^a Dr^a do Colegiado de Relações Internacionais
Unilab/BA

Formulada durante o período da ditadura militar (1964 – 1985), a Lei de Segurança Nacional (LSN) estabelece uma lista de crimes que ameaçam à “segurança nacional” e à “ordem social e política”. Em vigor desde 1983, portanto antes da Constituição de 1988 que dá as bases para a democracia brasileira, a LSN busca garantir a integridade territorial e soberania nacional, a democracia representativa, o Estado federado e de Direito e os chefes dos Poderes da União (BRASIL, 1983). Com foco na segurança nacional, a LSN está vinculada às dinâmicas da Guerra Fria, em que a expressão “segurança nacional” é contextualizada na América Latina como uma luta dos governos nacionais contra opositores internos. Ao contrário dos EUA, onde a segurança nacional designa a defesa contra inimigos externos, os países latino-americanos interiorizaram as ameaças, muitas vezes sob a lógica da luta contra o comunismo. Por exemplo, a Lei de Segurança Nacional, no artigo 22, diz que é crime contra a segurança nacional fazer “propaganda da luta pela violência entre as classes sociais” (BRASIL, 1983).

Além disso, a LSN destaca o papel da Justiça Militar como polo processual e de julgamento, reforçando seu “caráter antidemocrático e totalitário”. Recentemente, a LSN ganhou destaque com o aumento de sua menção nos discursos dos políticos e na grande mídia. No entanto, seu uso não é fato novo na democracia brasileira. Em 2000, a LSN foi usada para processar e prender diversos membros do Movimento Sem Terra (MST). Os julgamentos tiveram uma intensa cobertura midiática e foram alvo de muitas críticas, o que levou a propostas do Executivo e Legislativo de reformá-la. Mas coube ao Supremo Tribunal Federal (STF) a tarefa de adequar a LSN a contornos mais aceitáveis para um regime democrático, alterando a metodologia de aplicação da lei para incorporar que o acusador deve provar que houve objetivos políticos na ação e que elas desencadearam danos reais ou potenciais à segurança nacional. Uma tentativa explícita de disciplinar o uso da LSN em uma democracia em tempos de paz.rio” (FRAGOSO, 1983, p. 34).

Em 2018, novamente, a LSN ganha destaque, quando ela foi utilizada para enquadrar o atentado ao então candidato à presidência Jair Bolsonaro. É justamente no governo Bolsonaro que se percebe um aumento do seu uso. Segundo apuração da Folha de São Paulo, atualmente existem 20 pessoas atingidas por investigações por crimes da LSN. O perfil dos acusados é bem amplo, desde youtubers e pastores até políticos profissionais, a maior parte dos acusados é de críticos ao governo, mas não se restringe a isso, visto que até o filho do presidente, Carlos Bolsonaro, está sendo investigado por violações à LSN.

A maior parte das acusações se refere ao crime previsto no artigo 26 - caluniar ou difamar o Presidente da República, o do Senado Federal, o da Câmara dos Deputados ou o do Supremo Tribunal Federal. Isso configura uma grave debilidade da democracia brasileira, em que críticas aos chefes dos Poderes são enquadradas como problema de segurança nacional, corroendo a liberdade de expressão e fomentando uma espécie de sistema de autocensura contra discordâncias legítimas e fundamentais para o amadurecimento de qualquer democracia. A garantia da liberdade de discordar precisa ser preservada como fundamento da democracia brasileira. Segundo o filósofo político e grande constitucionalista Ronald Dworkin (2006, p. 02) “em uma democracia, ninguém, independentemente de quão poderoso ou importante seja, pode ter o direito de não ser insultado ou ofendido”. Em casos de extrapolação dos limites da liberdade de expressão, os infratores devem ser punidos com o rigor da lei, mas é inadmissível em um regime democrático que a Lei de Segurança Nacional continue a ser usada para constranger opositores políticos a qualquer governo. O Legislativo Brasileiro parece ter atentado para o perigo desta banalização e aprovou, em maio de 2021, a revogação da LSN. A proposta agora está no Senado e, para o bem da já combalida democracia brasileira, precisa ser aprovada.



Referências:

BALTHAZAR, Ricardo. Conheça 20 atingidos por investigações de crimes da Lei de Segurança Nacional e opositores de Bolsonaro. Folha de São Paulo, SP, 24 de junho de 2021. FolhaJus. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/conheca-20-atingidos-por-investigacoes-de-crimes-da-lei-de-seguranca-nacional-e-opositores-de-bolsonaro.shtml> >. Acesso em 15 de julho de 2021.

BRASIL. Lei nº 7.170, de 14 de dezembro de 1983. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 dez. 1983. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7170.htm >. Acesso em 14 de julho de 2021.

DWORKIN, Ronald. The right to ridicule. The New York Review of books. march, 2006. Disponível em: <http://blogs.ubc.ca/alejandrabronfman/files/2013/08/The-Right-to-Ridicule-by-Ronald-Dworkin-The-New-York-Review-of-Books.pdf>>. Acesso em 14 de julho 2021.

FRAGOSO, Heleno Cláudio. Para uma interpretação democrática da Lei de Segurança Nacional. O Estado de São Paulo, São Paulo, 21 de abril de 1983, p. 34. Disponível em: < http://www.fragoso.com.br/wp-content/uploads/2017/10/20171003012614-interpretacao_democratica_lei_seguranca_nacional.pdf >. Acesso em 14 de julho de 2021.



Itamar Vieira Junior no Ceajat/Unilab

Prof^a Ludmylla Mendes Lima
Coordenadora do PIBID
Letras-Língua Portuguesa/BA



No dia 31 de agosto próximo, às 17h, teremos a honra de receber Itamar Vieira Junior, autor do romance Torto Arado e do recém-lançado livro de crônicas Doramar ou a Odisseia, para uma live no canal YouTube do CEAJAT. Esta live faz parte das ações do subprojeto PIBID Letras-Malês, em consonância com nossa escola-campo, em especial no que se refere à expansão do ensino de literaturas africanas e afro-brasileiras em nossa comunidade. Um dos objetivos principais de nosso subprojeto Pibid é promover a aproximação das futuras docentes com estas literaturas e seu ensino nas escolas. E este processo se inicia com as vivências do/a professor/a no que se refere à leitura literária.

Vencedor do Prêmio Jabuti de Melhor Romance, em 2020, por Torto Arado, Itamar Vieira Junior é geógrafo, formado pela Universidade Federal da Bahia, onde também concluiu mestrado, e doutor em Estudos Étnicos e Africanos pelo CEAO/UFBA. Torto Arado também garantiu ao escritor, no ano passado, o Prêmio Oceanos, um dos mais importantes do mundo literário de língua portuguesa. Em 2018, ele já havia recebido o Prêmio Leya pelo romance. A obra retrata a dramática realidade vivida nos sertões, a seca, a violência contra as mulheres e as práticas escravocratas, que permanecem nas relações de trabalho.

Como preparação para a nossa atividade, a equipe tem realizado exercícios de leitura do romance Torto Arado a partir da escolha da personagem favorita e da identificação das vozes narrativas de cada parte do romance. Ambos se referem a aspectos internos da construção da narrativa. Em seguida abordamos os aspectos externos, elementos sócio-históricos que são o pano de fundo da obra. Dois destes elementos são de fundamental importância para a construção do romance: a questão agrária e o aspecto da religiosidade abordada na obra, ambos atravessados pela questão racial.

Em entrevista ao programa Roda Viva, exibida pela TV Cultura no dia 15/02/2021, Itamar comenta o seguinte: “Eu gostaria que Torto Arado chegasse, principalmente, nas regiões mais remotas do país onde um dia já existiu, por exemplo, um programa do governo chamado Arca das Letras, que levava livros para as comunidades rurais. Eu ficaria imensamente feliz se esse livro chegasse às regiões que não têm livraria, não têm biblioteca pública. É o meu desejo” Itamar Vieira Jr. no Roda Viva

A aproximação da equipe com a obra de Itamar toma corpo de modo natural. Há um interesse legítimo por parte da comunidade da UNILAB e do CEAJAT pelas questões abordadas no romance Torto Arado, afinal, toda a região de São Francisco do Conde, no Recôncavo da Bahia, é atravessada pela luta por terra, pela presença de comunidades tradicionais, pela necessidade de reconexão e fortalecimento dos valores ligados às matrizes africanas.



Signos na
4ª Semana de Letras



Gêmeos

Só 20 minutos para as apresentações?! Fala sério Organização da Semana de Letras! É impossível explicar toda a minha pesquisa em tão pouco tempo!



Tá Rolando!

TÁ CHEGANDO!!!



4ª Semana de Letras

UNILAB - CAMPUS DOS MALÊS

03 A 05 DE AGOSTO



4ª Semana de Letras
Percursos da linguagem em tempos de reinvenção:
existir e resistir



UNILAB - CAMPUS DOS MALÊS
De 03 a 05 de agosto de 2021

Signos na
4ª Semana de Letras



Leão

Então a Semana de Letras vai ser bem no mês do meu aniversário?! Ótimo.... já vou escolher um look para arrasar na minha apresentação! Me aguardem!!!!



4ª Semana de Letras
Percursos da linguagem em tempos de reinvenção:
existir e resistir



UNILAB - CAMPUS DOS MALÊS
De 03 a 05 de agosto de 2021

Signos na
4ª Semana de Letras



Sagitário

Mesmo que a Semana de Letras vá acontecer online, bem que a gente podia marcar uma festinha depois do evento pra comemorar, né... Não pode aglomerar? É mesmo! Que pena! #chateade



Sem ponto

O PODCAST DO
JORNAL O PONTO!

**O SEM PONTO
FALANDO SOBRE O SEM PONTO**



4ª Semana de Letras
Percursos da linguagem em tempos de reinvenção:
existir e resistir



UNILAB - CAMPUS DOS MALÊS
De 03 a 05 de agosto de 2021

*O podcast
do podcast*

Pois é... Semana de Letras dos Malês chegando! Vocês viram o tema? "**Percursos da linguagem em tempos de reinvenção: existir e resistir**".

Justamente a cara do nosso Podcast! Em um exercício de metalinguagem, neste episódio do Sem Ponto, refletimos sobre o podcast como linguagem de reinvenção! Bó?!



OUÇAM EM TODAS AS PLATAFORMAS!!!



Vamos falar sobre... **INCLUSÃO?**

ENSINO COM INCLUSÃO E EQUIDADE ATRAVÉS DA ACESSIBILIDADE METODOLÓGICA

Lidiane Conceição

Você conhece acessibilidade metodológica? Se a sua resposta foi não, leia essa matéria até o final para obter informações. E, se a sua resposta foi sim, nos acompanhe para ampliar o seu conhecimento a respeito. O intuito é que esses dois grupos coloquem essas questões em prática nas aulas presenciais ou remotas.

A acessibilidade metodológica tem o objetivo de eliminar as barreiras existentes nas metodologias de ensino. É conhecida também como acessibilidade pedagógica, que visa que todos, todas e todes, em especial as pessoas com deficiência, tenham acesso à educação com inclusão, autonomia e equidade, seja nas escolas, universidades, faculdades, instituições técnicas e profissionalizantes, nas modalidades presencial ou remota.

Nesse momento você deve estar se perguntando, o que posso fazer como docente ou futuro profissional da educação para que as minhas aulas presenciais ou remotas sejam acessíveis?

É essencial que os professores e professoras, passem por treinamentos específicos, para saberem lecionar para os alunos e alunas que tenham algum tipo de deficiência. É importante elaborar slides e provas impressas ou digitais, com letras ampliadas para pessoas com baixa visão ou para alunos e alunas que tenham dificuldade para enxergar por não terem recursos financeiros para comprar óculos. Diante disso, deve-se evitar letras coloridas nos slides e nos quadros das salas de aulas, também disponibilizar textos em braile para o público-alvo. Precisamos gravar videoaulas com legendas, conhecer e indicar livros em braile, fazer a descrição de imagens e do cenário da sala de aula, física ou virtual, nas videoaulas, eventos e similares. Essas são algumas dicas para acessibilidade metodológica.

Dessa forma, será fácil identificar se a sua metodologia está acessível ou não e, se você identificou algum item, é porque existem barreiras metodológicas que será necessário eliminar e repensar um novo método. O ideal é começar a colocar essas orientações em prática a partir do estágio. Para quem já é profissional, fazer essa ação de inclusão e equidade é muito importante, independente de que se tenha algum aluno ou aluna com deficiência na turma. Dessa forma, a sua metodologia estará visando a todos e todas.

Atualmente, as instituições e os profissionais foram forçados a refletir sobre os seus papéis diante das exigências da modernidade, da inclusão social e da equidade. As estratégias e instrumentos de trabalho dos docentes para a preparação das aulas necessitam cada vez mais de eliminar qualquer tipo de barreiras que impeçam o desenvolvimento cognitivo e social de estudantes. É importante que os governantes, nas esferas federal, estadual, municipal e em instituições privadas, proporcionem um ambiente educacional com acessibilidade arquitetônica, instrumental e comunicacional, para colaborar nas metodologias de ensino dos docentes. Não se pode esquecer que, por ser um espaço de troca de conhecimento, a escola bem estruturada e inclusiva influencia muito no aprendizado e na socialização de alunos e também dos professores.

Portanto, se todos os docentes buscarem aplicar a acessibilidade metodológica, poderão contribuir na redução da exclusão social e ampliar o conhecimento de todos nas salas de aulas.





Náufrago

Ricardo Liberal

Acadêmico de Letras

Universidade estadual de Feira de Santana (UEFS)

O navio estava afundando, poucos palmos separavam-no do fundo. Todos pareciam já ter partido, não mais ouvia os gritos de socorro, nem o borbulho que o oceano ostentava ao afundar mais um até o luto. Estava sobre um largo destroço que havia se perdido do navio e encontrava-se boiando. Era meia-noite. Desde que o sol havia ido embora, eu gritava num exausto clamor pela vida. A distância era muita, sinal algum se via aos arredores. Ninguém haveria de ouvir.

Há alguns dias à deriva, a garganta magoava, ardia como queimadura em brasa sempre que tencionava gritar. O vento diminuía, a lua brilhava sobre o mar calmo. Meu cadáver, cercado pela enormidade do oceano, estava completamente desidratado, descrente, já havia apelado beber a mim mesmo. Seria o fim. Só se ouvia minha própria respiração: pesada e gélida.

Antes do sol nascer, naquela manhã de coloração nebulosa, desperto com o barulho de velas cortando o vento. De súbito, ergo-me. Defronte às ruínas que ainda vagavam ali, em tempo, atiraram a âncora mar adentro. Fui resgatado daquele finamento. Era um navio de madeira putrefa, como o meu, insalubre, lotado de pessoas famintas, desidratadas e envoltas em farrapos sujos. Com elas, ajuntei-me.

Poucos dias se passaram e finalmente pude ter alguma terra à minha vista, um continente nunca antes sabido. Logo cheguei ao belo litoral que rodeava aquelas terras desconhecidas. À primeira vista, os olhares daquela gente me assustaram.

Alguns carregavam sangue em seus olhos e mãos, rebenques atentos e o desejo do açoite. Os outros, cabisbaixos e desposturados, carregavam ferro em suas mãos e pescoços e em suas auroras: um singelo clamor por liberdade, a qual deveria ser lei de nascença. Breve, ainda no ancoradouro, fui acolhido, jogado ao chão, amarrado em troncos, chicoteado nas costas e anunciado por alguns vinténs numa página de jornal, como um vestido bordado de seda fina, daqueles que madame usava.

Senhor Deus dos desgraçados, — questiono-o em prece. — por que consente tanto, tanto horror perante os céus?

Decretaram-me uma religião, proibiram nossos atabaques e orixás. Deram-me um nome aos seus moldes: José Amâncio, crioulo, com ferro no pescoço, uma ferida na perna esquerda, altura mais que regular, pernas arcadas, dentes cariados, aparenta-se a casa dos vinte e tantos. Até então, eu nem havia alcançado os vinte.

Ansiava destinar-se ao mocambo dos meus parentes fugidos, havia ouvido sobre um líder que portava a mesma cor e isso me enchia de esperança. Minhas escapadas jamais lograram a vingar. Em correrias ao deus-dará, fui apanhado por um bocado de vezes. Enquanto era surrado, sentindo a dor que parecia queimar a minha pele, não conseguia conter as lágrimas. Era açoitado com ainda mais perversidade, sentia o retalho que o chicote deixava em minhas costas, àquela altura estava em completa carne viva, um vermelho escuro que atingia o solo ressequido e buscava o azul de um deus-maior. Naquele momento, eu recordava os clamores por socorro e os borbulhos da morte que ecoavam no navio que me levava a ser escravo. Meus irmãos estavam livres!



O despir além de nossas peles

Felipe Lisonjeado

Acadêmico de Letras

Universidade estadual de Feira de Santana (UEFS)

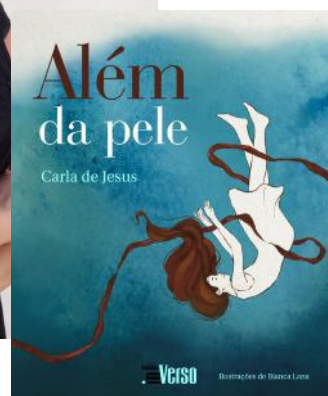
Produtor cultural

A literatura brasileira contemporânea a cada dia nos brinda com verdadeiros tesouros para as nossas estantes físicas e do coração. Fui presenteado recentemente com a mais nova dádiva literária, a obra *Além da Pele* da escritora e contadora de histórias baiana Carla de Jesus (1), indicada para todas as faixas etárias. O leitor é convidado a mergulhar pela reconto nórdico da “Mulher-foca”, uma história contada de diversas maneiras pelo mundo afora, na qual a escritora nos conta a trajetória mágica daquela mulher de uma forma que transmite ao leitor uma conexão de proteção, sentimentos e de valorização de nossas crenças. Uma mulher que durante a narrativa transita por diversos nuances: encantamento, reflexões, liberdade, prisão, fenômenos da natureza, mitos, sentidos, um prato cheio para os leitores que são apaixonados por histórias da tradição oral. Um reconto que desbrava a saga de uma mulher que é despida de sua própria pele e sofre com a prisão e a proibição de usá-la, por um pescador que carregado de solidão e tristeza a aprisiona como sua esposa. Desta relação nasce Oruk, a criança mais linda e dono de uma pele que brilha como a luz do luar, que encontra na mãe a sua contadora de histórias sobre o universo das águas, onde no momento de maior tensão da história o menino se torna herói e gigante, mas não se preocupe, não tenho pretensão de “presentear-los” com spoilers. (2)

Carregada de simbologias, a narrativa traz elementos tradicionais dos contos. A utilização dos números três e sete durante a narrativa, que reafirma a sua plenitude e totalidade, o resgate das memórias afetivas, o uso de fenômenos da natureza para reafirmar sentimentos e a valorização e força de uma das mais incríveis atividades milenares: a contação de histórias. O livro é ilustrado por Bianca Lana (3), que presenteia aos leitores que são amantes de desenhos vibrantes e poéticos – como eu – com um delinear fidedigno da viagem que a escritora nos leva, e através das texturas e cores concede entre as páginas um delinear perfeito para esta saga. Uma viagem que, em certos momentos, permite ao leitor chegar a terras vizinhas de um sítio que muitos de nós conhecemos, onde as *Reinações de Narizinho* (4), de Monteiro Lobato, poderiam muito bem fazer parte do universo nórdico do reconto da “Mulher-foca”. Em certos momentos da leitura e releitura somos como passageiros, ou melhor caracterizando “*Emílias*” (5), descobrindo novos mundos.



Além da pele
Autora: Carla de Jesus
Editora: InVerso



O prefácio da obra, escrito pela educadora e contadora de histórias Tâmara Bezerra, realiza uma ótima apresentação da odisseia que iremos mergulhar e sugere: “que leiam esta história, sugiro que também a leiam em voz alta para alguém. Assim poderão mergulhar no universo dessa mulher-foca, tão bem narrado por Carla com palavras, e por Bianca com imagens”. Além de toda a narrativa pelas páginas do livro, a autora nos presenteia – exatamente na segunda orelha – com uma opção de escutarmos a história através de um leitor de QRCode (6) pelo celular. Algo tão moderno e gentil de sua parte, que traz a educadora e contadora de histórias Luciene Souza, narrando a saga de uma forma tão afetuosa e sensível. Sempre que sou agraciado com leituras de contos e recontos, me questiono sobre o poder transcendental que as narrativas carregam. Com “Além da pele” não foi diferente, a busca e a saga da “Mulher-foca” poder viver em seu lugar e como deseja, é mais um elixir literário que chega no coração de cada leitor como um grande empoderar de sua própria pele. A leitura da obra proporciona aos leitores mais reflexivos, doses de inquietações sobre por quantos momentos de nossas vidas abrimos mãos de usarmos as nossas próprias peles para poder sermos aceitos em outros lugares. Pelo olhar de um estudioso dos campos da tradição oral, a escrita e o ato de recontar de Carla de Jesus é algo muito peculiar e emocionante e por conta de sua poesia humana. Eu e todos os outros leitores somos convidados a permitir que olhemos para nós mesmos. A vida adulta pode até nos ensinar diversas lições todos os dias, mas os contos sempre contaram o real significado de existir e viver além de nossas peles.



Felipe Lisonjeado é Acadêmico de Letras pelo Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Feira de Santana e Criador de conteúdo literário digital. Compõe a atual gestão do Diretório Acadêmico de Letras – José Jerônimo de Moraes (Diretor Geral), representando o Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas da instituição. Bolsista de Extensão do Programa de Extensão “Observatório de Contação de Histórias” da ação “Cacimba de Histórias”. Com experiência na área de Contação de Histórias, Literatura e Produção digital de eventos. Além disso Felipe Lisonjeado é produtor cultural e dirige a companhia Pipas Literartes Produções Culturais.

Notas do autor:

- 1 - Carla de Jesus, nasceu em Salvador/BA, é escritora, leitora, professora e contadora de histórias. Psicopedagoga, Mestranda em Educação Permanente pela Universidad Del Salvador – Argentina (USAL) e Professora concursada em Salvador. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira-AILB e, da Academia Imortal Vitalícia Internacional Mulheres das Letras. A autora já publicou seis livros na literatura infantojuvenil, alguns textos em diversas antologias nacionais e internacionais. Já participou de feiras literárias nacionais e internacionais. Carla de Jesus é apaixonada pelo mar, e esse tema é recorrente em seus contos, poemas e livros que escreve.
- 2 - Expressão usada quando alguém revela o desfecho ou uma informação importante sobre filmes, séries ou livros que o usuário ainda não assistiu ou leu.
- 3 - Bianca Lana é ilustradora e graduanda em bacharelado e licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- 4 - Reinações de Narizinho é um livro de fantasia e infantil de autoria do escritor brasileiro Monteiro Lobato.
- 5 - Emília é uma das principais personagens da obra infantil de Monteiro Lobato, na série relacionada ao Sítio do Pica-pau Amarelo.
- 6 - Código QR é um código de barras, ou barramétrico, bidimensional, que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera. Esse código é convertido em texto, um endereço URI, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail, um contato ou um SMS.

Foi nas entre linhas que encontrei o amor

Larissa Rehem

Antônio Conselheiro avisou:
“O sertão vai virar mar!”
E o mar sertão virou.
No jornal, logo anunciou:
“A guerra de Canudos começou.”

E para lá, foi o grande escritor
Que dentre as entrelinhas dos Sertões
Denunciou, as barbáries da polícia
Que a população exterminou

O autor era também professor
E no anseio de grandes mudanças,
alumiou
A vida de muita gente mudou
Quando o grande meteorito de Bendegó
passou
E na terra escura alumiou

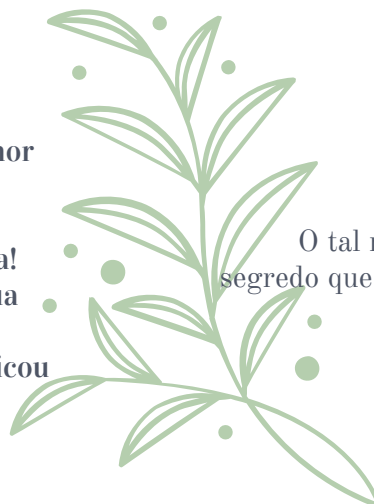
Nascia iluminando a terra escura no
terreiro do madura
Uma menina, de olhos verdes, que sorria
Tadinha a ladainha dizia, tão desprovida
de amor
Mas a menina era vinda da terra quente, e
suas raízes eram fixadas na dor
Vinda da terra do autor

Euclides da Cunha era escritor, jornalista
e professor

E assim despertou o amor, no coração da
menina que só sentia dor
O amor pelas Letras, pelas escritas hoje
chamadas de escriturências
Vivências essas que a deserdou, para um
caminho longo sem pudor
Aonde os maus-tratos lhe traziam dor,
somente a dor!

E assim, foi despertada para o amor,
Por não se conformar com o ardor
Da dor de uma terra quente, que só
exalava amor.
Então Paulo Freire a encontrou
E lhe trouxe de volta para o mar de amor

O mar de amar à docência
Pois isso sim era um ato de resistência!
E ali não teve concorrência, se fez a sua
competência
E a menina que não amava, se multiplicou
em palavras.



ENIGMA

Nos meus versos
acharás as voltas aneladas de meus cabelos.
Saberás de minha ancestralidade
e poderás ler estes e outros tempos.

Com a ponta dos dedos
serás capaz de redesenhar
gozos ainda incompletos.
Terminaremos paixões e deixaremos
em silêncio a página branca
do que ainda não fomos.

Nas voltas aneladas de meus cabelos
ficarás descansando como um nagô aprendiz.
Serei sua lua crescente até que estejas preparado.
E numa manhã de domingo, no meio de uma semana
qualquer.
Seremos um ciclo completo.

Saberemos minguar em tempos de 28 dias.
Cúmplices que somos do ápice e do declínio.
Serei o cavaleiro e o dragão. Serás o dragão e o
cavaleiro.
Estaremos protegidos com as armas de Ogum.

Renascemos líquidos e influenciaremos marés.
Chuva beijaremos Terra.
Juntos voaremos nuvem.
Ar seremos livres.
Assim sem amarras ou medos
flamejaremos;

Nas voltas aneladas de meus cabelos
O tal mundo distante será desmistificado e o
segredo que naquela noite pareceu ser desvendado
volta a condição de enigma.
Simplesmente porque desejamos
ser devorados.

Eliane Gonçalves

O menino sou eu

Lílian Paula Serra e Deus

Eu não preciso que você me diga quem eu sou
E caso ainda não saiba
vou lhe dizer o que nem Freud precisa vasculhar para encontrar

O que eu sou está estampado na cor da minha pele negra
nas ondulações da negritude de uma história que resiste
Morena! não enaltece, ofende, desbota a minha cor

Eu sou a herança de pisadas marginais.
Eu sou a prostituta na esquina
Eu sou a mulher, cotidianamente, violentada pela cultura que seu machismo avaliza
Eu sou o homossexual, diariamente, assassinado e que rende as suas piadas de fim de semana
Eu sou a travesti que não traveste em você o ódio
Eu sou o indígena sem oca, o cacique, ainda hoje, despejado da própria terra
Eu sou o menino na cruz
Eu sou o menino sem nome, sem os seus sobrenomes, sem a sua cor, crucificado, apedrejado,
enquanto você espera que o seu menino Jesus volte para lhe dar a redenção

Pois, lhe digo que Jesus sou eu
Eu sou o menino que você não vê
Eu sou o dobrar da esquina, a beira da estrada, a margem da história.
O menino sou eu
Eu sou o menino que você escolhe, repetidamente, não ver
Eu sou o filho do terreiro de Olorum
que você não crê ser o legítimo filho do Pai

Pai? Que Pai?
Eu sou menino sem berço, sem o seu berço,
tirado dos braços da mãe e lançado às periferias
Eu sou o centro da raiva que você tolera



Superação por Integração

por Débora Teles

Desde a infância, Segunda Cá sonhava com o ensino superior. É certo que, em seus sonhos de criança, isso se manifestava através do desejo de ter uma carreira sólida na vida adulta e, através disso, alcançar uma qualidade de vida melhor.

Sobretudo ela sempre amou a ideia de lecionar e sentia-se empolgada com a possibilidade de adquirir conhecimentos e poder contribuir com o crescimento dos outros através disso.

Além dessas coisas, ver pessoas na sua família que haviam realizado o desejo de cursar o ensino superior a encorajava poderosamente e, posteriormente, foi um dos motivos que a ajudou a resistir diante das dificuldades. Com esse sonho ardendo em seu coração e uma forte vontade de realizá-lo, Segunda Cá recebeu a notícia sobre a possibilidade de ingressar no ensino superior na UNILAB.

Foi seu primo que lhe declarou essas boas novas e a encorajou a fazer a inscrição, e essa etapa – a do ingresso na universidade – foi superada rapidamente. Nossa amiga foi admitida com sucesso! Não obstante, como em todas as histórias que vimos até aqui, sua jornada foi lajeada por dificuldades, a principal delas foi a barreira linguística.

Segunda Cá estava habituada a uma realidade linguística completamente diferente daquela que encontrou no Brasil. Embora o português seja a língua oficial de seu país, ela não falava tanto o português no seu dia a dia e, mesmo em sala de aula, usava mais o crioulo, apesar da exigência de falar apenas português na escola. Na universidade as pessoas só falavam em português, os professores ministravam suas aulas apenas em português e não sabiam falar crioulo. Segunda Cá precisou fazer um grande esforço para entender o que lhe era dito, sobretudo por que a variante linguística do português brasileiro difere muito do português guineense, aquele com que ela estava mais familiarizada.

Ademais, o modelo de ensino usado pelos professores da UNILAB gerou certo espanto em nossa colega. Durante toda sua vida escolar, havia se deparado com aquilo que Paulo Freire chamou de educação bancária. Em sua realidade o professor era o detentor do conhecimento e o estudante deveria apenas ouvir as palavras do professor e absorvê-las sem se manifestar ou se opor a elas.



Na Unilab nossa colega experimentou um ambiente onde os estudantes podiam expressar suas convicções livremente, de modo que eram encorajados a falar durante as aulas.

A princípio, nossa Segunda Cá se calou. Completamente adaptada a um ensino em que seu silêncio valia mais que suas palavras, sentiu-se profundamente incapaz de expressar suas convicções. Por um tempo, ela acreditou que não tinha o que dizer, que suas palavras e seu raciocínio não seriam bons o suficiente, mesmo lendo os textos e tendo contribuições importantes para a fazer, sua autoconfiança já havia sido minada pela maneira como havia sido tratada em toda sua vida escolar. Essa foi uma de suas maiores dificuldades.

Entretanto, nossa colega conseguiu superar suas dificuldades e formou-se em Letras pela UNILAB, em 2020, e hoje é mestranda na Universidade do Paraná, no Programa de Pós-graduação de Letras. Ela declara que o que a ajudou a transpassar todos os obstáculos que se colocaram em seu caminho foi a integração. O relacionamento com os seus colegas e professores, as conversas que tiveram, toda ajuda e compreensão que recebeu foi essencial em sua jornada, sobretudo sua própria determinação e garra para avançar rumo ao seu objetivo apesar de tudo.

Nossa querida amiga nos encoraja a não desistir dos nossos sonhos, a tirar nossas dúvidas com os professores, buscá-los sempre e jamais nos calarmos.

Segunda Cá resiste!



SABE O QUE É PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL?

Rajabo Alfredo Mugabo Abdula (UNESP)
Alexandre Antônio Timbane (UNILAB)

A pós-graduação tem sido um grande desafio para os graduandos e graduados dos diversos cursos. As Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras não têm desenvolvido trabalho (pelo menos em nível de graduação) para orientar e garantir a continuidade dos estudos dos alunos graduados. Neste artigo, procuraremos definir a pós-graduação, apresentar os objetivos, as condições, os requisitos e as orientações técnicas para o acesso.

Primeiro importa apontar que a graduação visa formar profissional de nível superior, técnico-científico (bacharel e licenciatura) e a pós-graduação, se encarrega pela formação de profissionais mais especializados em determinadas áreas de atuação, tanto no âmbito acadêmico, como profissional (MEC, 2017, 2018). A pós-graduação é orientada ao desenvolvimento da produção intelectual comprometida com o avanço do conhecimento e de suas interfaces com o bem econômico, a cultura, a inclusão social e o bem-estar da sociedade.

De acordo como o MEC (2001, 2002, 2007, 2014) a pós-graduação se divide em: a) Lato sensu: composto por cursos mais direcionados à atuação profissional e atualização dos graduados no nível superior: tecnólogos, licenciados ou bacharéis; b) Stricto sensu que se dedica aos cursos voltados à formação científica e acadêmica e também ligados à pesquisa. É importante deixar claro que o Lato sensu apenas profissionaliza o participante e mantém o nível e pode ser frequentado por técnicos médios, bacharéis, graduandos e graduados e não visa alcançar título. Por outro lado, o Stricto sensu busca a formação acadêmica e profissional chegando a oferecer um título (Mestre/a ou Doutor/a).

Orienta-se que o candidato a pós-graduação Stricto sensu atualize ou aprofunde conhecimentos da área que pretende estudar, havendo necessidade de fortalecer o Currículo Lattes (<http://lattes.cnpq.br/>). Com a pós-graduação é possível (i) profissionalizar-se cada vez mais; (ii) especializar-se na área do interesse; (iii) vislumbrar oportunidades (expandir a sua carreira); (iv) aumentar chances de ser selecionado no mercado do emprego e, (v) tornar-se especialista na área do interesse (concorrer a cargos mais altos).

O mestrado acadêmico tem por objetivo, iniciar o aluno na pesquisa. O mestrado profissional tem por objetivo capacitar profissionais para o exercício de prática profissional avançada; transferir conhecimento para a sociedade; articular a formação profissional com a necessidade de organizações públicas ou privadas, aumentando a sua produtividade e competitividade.

As etapas do concurso da pós-graduação são: **Etapa 1** - Prova escrita, de caráter eliminatório e classificatório, com peso 4 (quatro); **Etapa 2** - Anteprojeto de Pesquisa, de caráter eliminatório e classificatório, com peso 4 (quatro); **Etapa 3** - Entrevista e análise do currículo, de caráter eliminatório e classificatório, com peso 2 (dois); **Etapa 4** - Prova de língua estrangeira de caráter classificatório e consistirá em tradução de texto acadêmico escrito em língua estrangeira.

Deixamos aqui, algumas orientações básicas para que o/a candidato/a tenha sucesso: pesquise sobre o(a) orientador(a) por meio do Lattes ou na página do Programa de Pós-Graduação; veja se o seu projeto está relacionado com a linha de pesquisa do orientador(a). Uma linha de pesquisa é definida como um domínio ou núcleo temático da atividade de pesquisa do programa, que encerra o desenvolvimento sistemático de trabalhos com objetos ou metodologias comuns. Para além disso, veja (no edital) as vagas de cada orientador (fique esperto/a).

É importante respeitar religiosamente o edital, devendo guardar o comprovante da inscrição, fichas de inscrição devidamente preenchidas, assinatura nos devidos lugares, documentos sem rasuras e bem digitalizados. Com relação ao anteprojeto é necessário que tenha todos itens citados no edital estejam adequados à linha de pesquisa, a relevância da pesquisa, o problema, as hipóteses, os objetivos, a revisão bibliográfica, metodologia, cronograma, custos e bibliografia (CARDOSO, 2016; SEVERINO, 2002; NOBRE & FREITAS, 2017).

É de suma importância que o Currículo Lattes seja muito bem preenchido, impreso e acompanhado pelos comprovantes. Alguns editais têm barema. O ingresso à Pós-Graduação precisa de organização do candidato. Aproveite fazer cursos de línguas estrangeiras; Escolha um tema/assunto que realmente te interessa; a pesquisa deve trazer uma contribuição para a sua comunidade; adiante participar de eventos, de congressos, de palestras, minicursos, etc. e alimente o seu Lattes. Procure apresentar trabalhos, participar como monitor, organizador, etc. Participe de Grupo de Estudos; peça orientações na secretaria da pós-graduação e não hesite perguntar.

Faça disciplinas da pós-graduação como aluno/a especial. Isso é muito positivo porque já cria ambientação para além de construir a sua pós-graduação porque essas disciplinas servirão para completar a grade curricular do seu curso. Participando das disciplinas como aluno/a especial poderá conhecer as linhas de pesquisa dos professores, poderá conhecer as pesquisas desses professores o que ajudará na escolha de orientador no futuro. Boa sorte!

Referências

CARDOSO, João Batista. Metodologia da pesquisa científica e produção do texto acadêmico para alunos da graduação e da pós-graduação. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES N° 1, de 3 de abril de 2001. Estabelece normas para o funcionamento de cursos de Pós-Graduação.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES N° 24, de 18 de dezembro de 2002. Altera a redação do parágrafo 4º do artigo 1º e o artigo 2º, da Resolução CNE/CES 1/2001, que estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução n° 1, de 8 de Junho de 2007. Estabelece normas para o funcionamento de cursos de Pós-Graduação lato sensu, em nível de especialização.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Legislação específica. Brasília: CAPES, 2014. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/legislacao-especifica>>. Acesso em: 15 abr.2019.

MEC. Resolução n°1, de 6 de abril de 2018. Estabelece diretrizes e normas para a oferta dos cursos de pós-graduação lato sensu denominados cursos de especialização. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85591-rces001-18/file>>. Acesso em: 15 abr.2019.

MEC. Resolução N° 7, de 11 de dezembro de 2017: Estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação stricto sensu. Acesso: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=78281-rces007-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 15 abr.2019.

NOBRE, Lorena Neves; FREITAS, Rodrigo Randow de. A evolução da Pós-Graduação no Brasil: histórico, políticas e avaliação. Brazilian Journal of Production Engineering, São Mateus, v. 3, n° 2, p. 18-30, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 22.ed. São Paulo: Cortês, 2002.

ERRATA

na edição de junho do Ponto, publicamos o texto "Letramentos Acadêmicos e seus desafios para os calouros em isolamento social", de autoria da estudante Gilmara dos Santos Silva. Na ocasião não foram apresentadas as referências que autora utilizou por erro nosso. Apresentamos as referências, portanto, e nosso pedido de desculpas à autora e a vocês!

STREET, B. V. Literacy in theory and practice. London: Cambridge University Press, 1984.

JUCHUM, M. Letramentos acadêmicos: projetos de trabalho na universidade. 2016. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BRITTO, L. P. L. Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento. Calidoscópio, Vale dos Sinos. Vol. 5, n. 1, p. 24-30, jan/abr 2007.



O Ponto



Dúvidas?
Críticas?
Sugestões?

Quer fazer parte de nossa equipe?

jornaloponto@unilab.edu.br

Siga-nos em nossas redes sociais



Signos na
4ª Semana de Letras

Aquário

Acho essa coisa de Semana de Curso tão careta! Bem que podiam trazer algumas atrações artísticas, poesia, lutas sociais, né... Ops... Tem um monte de apresentações culturais na Semana de Letras dos Malês! E o símbolo-tema é o sankofa! Que massa! Vou me inscrever então...



**Percursos da linguagem em tempos de reinvenção:
existir e resistir**



UNILAB - CAMPUS DOS MALÊS
De 03 a 05 de agosto de 2021

Faça sua inscrição
(<https://www.even3.com.br/semanadeletrasmalês/>):